

5/11/1935

CINE-JORNAL



ANO I — N.º 6 — 25 DE NOVEMBRO DE 1935

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



MYRNA LOY
da

Metro-Goldwyn-Mayer...

NO PRÓXIMO NÚMERO: A HISTÓRIA DE MAIREEN O'SULLIVAN

Uma vergonha nacional!

«O Dinheiro» de Zola

Os filmes da semana

NÃO vamos reeditar os velhos argumentos. Não pretendemos convencer ninguém, porque todos estão de acordo! Os documentários portugueses, nos programas das nossas salas, não lhe acrescentam qualquer atractivo: são o estendal da roupa suja da nossa indústria: não se podem admitir, porque constituem um anacronismo: a única nota muda nos acordes sonoros dos restantes filmes.

A lei, que obriga a sua inclusão, é velha e reilha. Foi promulgada, para fomentar o desenvolvimento da nossa indústria e protegê-la. Hoje, não preenche nenhuma dessas finalidades. O cinema evoluiu, deixou de ser mudo, não há ninguém que nos convença de que, incluindo cem metros mudos, num programa, se fomenta o desenvolvimento da indústria cinematográfica no nosso país.

Os operadores portugueses desinteressaram-se do assunto. Escasseiam, no mercado, os documentários nacionais! Exibem-se segundas cópias, ou primeiras, recusadas, unanimemente, há mais dum ano, e abraçadas agora, com ambas as mãos, por que, «na terra de cegos... quem tem um mau documentário português — é rei».

Entretanto, sistematicamente, o público manifesta-se. Pateia. Revolta-se, às vezes, contra o cinema, esquecido de que a sala em questão era a primeira e a maior interessada

em não exhibir filmes que lhe sujam a tela...

Os distribuidores queixam-se de que não há documentários. Os poucos que aparecem são péssimos e, como rarciam, pagam-se a peso de ouro. se tomarmos em linha de conta o interesse e as qualidades técnicas de que se revestem. O público protesta! Os cinemas brantam contra o que, hoje, representa uma iniquidade, uma imposição revoltante.

Mas tudo continua na mesma. Os interessados, como bons portugueses, não passam de atitudes platónicas. Barafustam, na intimidade das suas casas, à hora do jantar. Mas cruzam os braços, resignam-se, aceitam os factos, com um ar de fatalismo, que conflagra!

Porque não se unem? Porque não estudam o problema e apresentam as suas sugestões, por intermédio dos organismos competentes?

Nunca uma causa foi tão fácil de defender como esta! Tem tudo e todos pelo seu lado. Não há ninguém — distribuidores, exibidores, operadores e público — que não esteja de acordo em que é tempo de se pôr cõbo a mentira dos documentários nacionais.

Pela nossa parte, estamos prontos a arvorar o pendão da revolta. Queremos ver agora quem nos acompanha!

FERNANDO FRAGOSO.

Pierre Billon vai adaptar à tela sonora «O Dinheiro», de Zola, filme realizado, no tempo do mudo, por Marcel L'Herbier, com Brigitte Helm, na protagonista.

O futuro romance do autor de «Nana» tem uma actualidade flagrante, depois do escândalo Stavisky, do «krack» Kreuger, das concessões Rickett, na Abissínia, etc.

E, justamente por se explorarem, na nova versão cinematográfica, com alusões várias, mais ou menos veladas, esses acontecimentos, que estão ainda na memória de todos, é que Pierre Billon entendeu dever sugerir a aprovação da Censura o «décapage» do novo filme, que foi aprovado.

Até à data, estão contratados Pierre Richard Willm, Olga Tschekowa e Edwige Feuillère.

A primeira volta da manivela será dada a 15 de Dezembro.

Novamente «Os Cossacos»

Lembram-se de Os Cossacos, filme que Renée Adorée e John Gilbert interpretaram. Pois vai ser reeditado, ignorando-se ainda os nomes dos principais intérpretes.

Os Abexins e o Cinema

Como se sabe, Mussolini, além dos seus tanques, das suas tropas, e dos seus temíveis aviões de bombardeamento, tem ainda a seu favor, na conquista da Etiópia, o Cinema!

Em todos os locais ocupados, à noite, realizam-se sessões publicas, ao ar livre, para exhibição de filmes que demonstram o poderio da Itália, da sua esquadra, dos seus canhões.

Até há pouco, salvo em Addis-Abeba, onde, numa das salas do seu palácio, o Negus tem instalada uma aparelhagem sonora, os abexins desconheciam o cinema. Fácil é avaliar, pois, a sua estupefacção, ao assistir à revelação do famoso invento.

O seu primeiro movimento é sempre de pânico. Julgam ver fantasmas moventes e correm como doidos, para fugir à sua perseguição... Depois, a confiança renasce e assistem assombrados ao que o filme lhes descobre.

As manobras da esquadra italiana no Mediterrâneo é sempre uma dupla revelação, pois a maioria dos abexins nunca viram o mar.

Mas, em Axum, o «clous», na noite da primeira exhibição, foi a passagem do documentário da ocupação daquela cidade, filmado nessa manhã, pela brigada cinematográfica, revelado e pronto a ser projectado poucas horas depois.

Esta ideia de Mussolini de utilizar o cinema para intimidar os indigenas, evoca-nos o final do «Exército de Fantasma», o filme de Bébé Daniels, onde os árabes fugiam espavoridos, ao ver, projectado na arca, o desfilé impressionante dum exército em pé de guerra.

As alcunhas de Laurel & Hardy através do Mundo

Laurel & Hardy, desde os bons tempos das suas fitas em duas partes, foram cognominados, em Portugal, com os epítetos de Estica & Bucha. A alcunha pagou e popularizou-se.

Mes não só entre nós os dois inescquecíveis companheiros foram baptizados com nomes populares. Assim, em Itália, são conhecidos também por «Crik & Crok»; na Alemanha, «Dick & Dof» (o gordo e o idiota); na Argentina, «El Gordo e el Flaco» (o gordo e o fraco); na Grécia: «Chondros & Highoss»; na Polónia: «Flip & Flap»; na Roménia: «Stan & Bran»; na Suécia, enfim, «Helan e Halvan», o que quer dizer «o copo grande e o copo pequeno»...



«Não me tentas!» parece dizer Robert Montgomery a Joan Crawford, uma borboleta atrás da qual todos nós correríamos...

Indicações para o exibidor e para público

A *Fanfarra do Amor* — Fernand Gravey, o desbaratado, vestido de miler. Ambiente de farsa, com bons números musicais e a presença de Betty Stockfield, sempre formosa e distinta. Uma comédia francesa, de bom recorte cinematográfico, e que preenche inteiramente a sua finalidade: distrair e fazer rir o público. (Estreado no «Tivoli»; distribuição da «Sifs».

Shirley, Aviadora — Uma comédia de David Butler, ingénua e sentimental, feita à medida para Shirley Temple, com situações para valorizar a actuação da deliciosa estrelinha, mimo de graça e de infantilidade. Toda a ternura dum coraçãozinho de ouro, a situação inconsciente duma orfã, no meio do egoísmo dos outros, Shirley nos dá, através duma interpretação maravilhosa.

A cena do deitar na cama — é deliciosa de graça e de ingenuidade. (Estreado no «São Luiz», distribuição da «Companhia Cinematográfica de Portugal».

Baboon — Um documentário assombroso. A África vista do ar! Um filme honestíssimo, que nos revela o Continente Negro, a sua flora e a sua fauna, sem «truques», tão vulgares neste género de documentários. As imagens de Kenia e do Klimandjaro; o lago dos flamingos; as grandes manadas dos elefantes; e os rinocerontes — garantem, só por si, o interesse deste filme, enorme sob o aspecto geográfico e documental. (Estreado no «São Luiz», distribuição da «Companhia Cinematográfica de Portugal»).

A Honra da Emboixada — Um par que há muito não víamos nas nossas telas: Brigitte Helm e Willy Fritsch. Uma alta comédia, que nos integra nos ambientes das chancelarias, e que nos conta uma história de amor, vivida pelos protagonistas. Realização correcta, maneira alemã. Sumptuosidade e bom gosto. Filme, por vezes lento, mas de direcção segura. (Estreado no «Central Cinema»; distribuição de «Raul Lopes Freire, L.da»).

Só uma noite — O célebre *Only Yesterday*, que vem um pouco atrasado. Um argumento que interessa, mormente a partir da segunda metade da obra. John Boles, bom artista e bom cantor, rodeado dum cast equilibrado e homogéneo. A dobragem em francês é razoável. (Estreado no «Condes», distribuição de «J. Castello Lopes, L.da»).

Moralidade e imoralidade

Como sabem, o cinema atravessa, neste momento, na América, uma grave crise, provocada... por excesso de pudor. As ligas de moral, fundadas por matronas mais ou menos sufragistas, desencadearam contra ele a furia das susceptibilidades feridas. Excentricidades, em suma...

Pois, segundo parece, em Inglaterra estive-se manifestando «doença» idêntica. Em Birmingham, com efeito, no decurso dum congresso protestante, o pastor F. C. Spur pediu ao auditório que fizesse a «boycottage» rigorosa dos filmes desempenhados por artistas divorciados.

Dois considerações surgem como corolário do facto: 1.ª — Os burgueses de Birmingham ficam privados de ir ao cinema; 2.ª — Não nos parece que o movimento iniciado consiga levar para o bom caminho as vedetas de Elstree ou Hollywood...

Os filmes que deram mais dinheiro na América

Vejamos quais foram os filmes que deram mais dinheiro, de Janeiro para cá, na América do Norte. O êxito de bilheteira é um bom índice do interesse espectacular de cada um dos filmes:

BOSTON — «Mundos íntimos» (Paramount), 41.000 dólares.
 BUFFALO — «Uma mulher para dois» (Paramount), 26.000 dólares.
 CHICAGO — «Os noivos de Mary» (M. G. M.), 66.000 dólares.
 CLEVELAND — «Transient Lady», 39.000 dólares.
 DENVER — «Hi Nellie», 19.500 dólares.
 HOLLYWOOD — «A Casa de Rotschild», 25.171 dólares.
 INDIANAPOLIS — «Going Highbrow», 13.000 dólares.
 KANSAS CITY — «Nos Mares da China», 25.000 dólares.
 LOS ANGELES — «Paris in Spring», 32.000 dólares.
 MINNEAPOLIS — «Top Hat» (R. K. O.), 18.000.

MONTREAL — «Roberta» (R. K. O.), 15.000 dólares.
 NOVA-YORK — «Top Hat» (R. K. O.), 131.200 dólares.
 OKLAHOMA — «Jantar às 8» (M. G. M.), 9.000 dólares.
 OMAHA — «We're in the money», 18.100 dólares.
 FILADELPHIA — «Harold Teen», 40.000 dólares.
 PORTLAND — «Wonder Bar» (W. Bros.), 13.000 dólares.
 SÃO FRANCISCO — «I live my Life» (M. G. M.), 35.000 dólares.
 SEATTLE — «Riptide» (M. G. M.), 12.750 dólares.

Estes são os filmes campeões das diversas cidades. Mas com grandes receitas figuram ainda os seguintes, em Nova-York: «As Virgens de Wimpole Street», 65.860 dólares; «Cleópatra», 72.000; «Os Miseráveis», 60.115; «Diamond Jim», 47.000; «The G Men», 60.138.

A política das sanções e suas graves consequências A versão americana de «Que descaradão»

As revistas corporativas do cinema francês, mostram-se justamente alarmadas com as tremendas consequências da política das sanções na marcha da Indústria.

O facto da Itália ter formalmente proibido a importação de filmes franceses acarreta um prejuízo incalculável, sabido é que, de todos os países da Europa, era aquele que mais consumia e que menos exportava.

Mas outros prejuízos se assinalam! Todos os acordos franco-italianos em matéria de cinema ficaram sem efeito. Havia artistas presos por contratos, filmes iniciados, etc.! Trabalho perdido, prejuízos totais!

A «Cinématographie Française» avalia em 10 milhões de francos por ano os prejuízos originados pela política das sanções e alvitra que dos mesmos seja dado conhecimento à Sociedade das Nações, a fim de se obter, daquele organismo e do governo francês, as compensações previstas em casos semelhantes.

Jesse L. Lasky, quando da sua última estada em Paris, adquiriu os direitos de «Que descaradão!», que tenciona realizar na América.

Francis Lederer será o protagonista e a película que, nos Estados Unidos, se intitulará «The Four Star Kiss», será a primeira produção da Pickford-Lasky Production, firma esta que agrupa dois dissidentes: Mary Pickford, da United Artists, e Jesse Lasky, que foi um dos magnates da Paramount.

O novo filme de René Clair

The Ghost Goes West, o novo filme de René Clair para a London, será estreado na noite de 26 de Dezembro no «London Pavilion».

A estreia desta obra vem sendo aguardada com viva curiosidade, uma vez que se anuncia que *The Ghost Goes West* vai integrar René Clair no lugar que justamente ocupou, quando do êxito mundial de *Sob os Telhados de Paris*.

As Cruzadas

Segundo nos informa a Paramount, *As Cruzadas*, o novo filme de De Mille será exibido no Politeama, nas vésperas do Natal.



Eddie Cantor, sua mulher, e as cinco filhas



Mal-me-quere... bem-me-quere... Mas quem poderá querer mal a esta linda rapariga, uma das muitas desconhecidas, que pululam nos estúdios da Fox?

Pobre Jean Mural

Jean Mural esteve há dias em Lisboa, como sabem. Entre as declarações que fez aos jornalistas, avulta a do «projecto» dum filme luso-francês, ideia essa que explicou na sensacional entrevista que concedeu a «Cine-Jornal», e que inserimos no nosso número transaccão.

O facto, que o «Diário de Notícias» revelou, e que «Cine-Jornal» desenvolveu — jornalisticamente, era o assunto mais curioso da sua vinda casual ao nosso país — nada tem de estranhável. A presença dum artista português, que cantasse uma trova ou uma canção do «folclore» nacional, em nada diminuiria o interesse do filme em França (antes pelo contrário) e seria um elemento precioso para o impôr nos mercados onde se fala a nossa língua: Portugal, Brasil e América do Norte (New Bedford, Nova Orleans, etc.). Tudo isto é natural, como natural é também que Jean Mural, que vai eslando demasiado maduro para galã, procure evolucionar, dentro do cinema, para assegurar, no

futuro, a sua posição — tornando-se realizador. Sobre-lhe a experiência e, quanto a conhecimentos, deve ter quasi tantos como qualquer dos cineastas ou aspirantes a cineastas deste risonho e irreverente Portugal...

Lógicamente, procurou informar-se dos nomes dos nossos artistas de cinema. Pediu fotografias. E interessou-se por Maria Paula, a vedeta principal do ultimo fonofilme realizado, que foi procurar «sponte sua».

Pois muito bem! Houve quem preferisse, em «ilegitima defesa», virar o bico ao prego... E sabem como foi apresentado Jean Mural?

Como um moçoito ingénuo, ainda «verde» nestas coisas de cinema, uma espécie de paleta-alegre, cheio de ilusões sobre a indústria cinematográfica, e para quem o sumo prazer seria a glória fácil de deslumbrar as «burguesinhas» sonhadoras, com o seu prestígio de galã profissional — e bebericar os primeiros cháinhos familiares que lhe oferecessem!...

Pobre Jean Mural!

Charles Boyer

Charles Boyer, antes de interpretar, ao lado de Marlène Dietrich, *O Colar*, vai encarnar a lendária figura do Kalifa de Bagdad, Harun-al-Rachid, no filme *Noites de Arábia*, produção de Walter Wanger.

«O pequeno lord»

O pequeno Lord, uma das coroas de glória de Mary Pickford, vai ser reeditado. Freddy Bartholomew será, desta vez, o protagonista. Freddy, como todos sabem, revelou-se em *Ana Karenine* e *David Copperfield*.

Crónica da Semana

tração desportiva, a supremacia, de momento, de um «as» sobre os outros.

Quanto ao resto... temos o «jazz», o «Ford», e, talvez, os chupadores eléctricos. Para uma civilização ainda falta muito, falta o que é importado da França, da Inglaterra, da Alemanha, de toda a parte um pouco.

O que não quer dizer que nos Estados Unidos não haja quem compreenda porque há gangsters — com a lei da proibição ou sem ela.

Se o «Inimigo público n.º 1», foi, de certo modo, também um «herói público», a culpa foi, em parte de certa imprensa. Ocupar colunas e colunas do jornal com os feitos de qualquer patife, é fazer estelada da miséria, é miséria também.

Ainda hoje nos lembramos da acção que essa notável figura de militar e de português, que foi Ferreira do Amaral, dispendeu na transformação da fisionomia de Lisboa, relativamente a alguns aspectos sórdidos da cidade.

Ele tinha razão: é já obra de moralidade evitar, quanto mais não seja, a exibição alrevida e escandalosa do que é imoral.

Seja qual for o pretexto, se o crime toma as primeiras folhas dum jornal, não é natural ver a virtude, depois, na página dos anúncios?...

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES



Rosalind Russell ou a demonstração de que nem tudo é mau, na América do Norte...

Recordando o passado

Um destes dias, um grupo de velhos cinéfilos, de passagem pelo Carvalho, deparou com os vastos edifícios construídos especialmente para a Invieta Film, onde se alicerçou inteligentemente a produção cinematográfica silenciosa e onde, durante tantos anos, se registou uma ininterrupta actividade.

O estúdio, propriamente dito, todo construído em ferro e vidro, assemelhando-se a uma colossal estufa, recorda, saudosamente, o admirável «élan» com que ali se fazia arte, e com uma organização inicial verdadeiramente modelar.

E a pergunta surgiu espontânea:

— Se durante muitos anos o Pôrto teve uma produção cinematográfica intensa, porque a não possui agora?

A resposta é fácil e clara.

O cinema silencioso, em Portugal, exceptuando as figuras principais, não necessitava de intérpretes possuidores de grandes qualidades artísticas. Desde que à figura, ao tipo exigido, se aliasse um pouco de inteligência, o resto era feito pelo realizador.

Com o cinema sonoro o caso é muito diferente.

O cinema sonoro português necessitará ainda, durante muito tempo, da colaboração de elementos teatrais.

Ora desde que o teatro, no Pôrto, vive em permanente regime de «tournées», a população teatral localiza-se em Lisboa, motivo porque ali se encontram, e em muito maior número, os elementos interpretativos com mais facilidade que nesta cidade.

Além dos capitalistas portugueses, embora erradamente, não se encontrarem, na actualidade, identificados com o negócio que representa a realização de filmes sonoros, nada indica que a produção seja feita, presentemente, nesta cidade. Demais, em Lisboa há estúdios montados e, infelizmente, não têm estado em permanente laboração.

Por isso os cinéfilos do Pôrto, por enquanto, não têm mais que, ao passar pelo Carvalho, recordarem, no velho estúdio adormecido, uma época de actividade produtora, que dificilmente se tornará a repetir nestes tempos mais próximos.

Infância cinéfila

Hoje, como há vinte anos, é curioso verificar o interesse que, entre os frequentadores de menor idade, dos cinemas desta cidade, existe pelas películas de «cow-boys».

Esta preferência tem sido muitas vezes discutida e atacada, mas, apenas, porque essas discussões e ataques se baseiam em observações muito superficiais.

Assim, se analisarmos, pelo menos, durante os últimos doze anos, as evoluções que prodigiosamente se operam no espírito de muitos cinéfilos, verificaremos que toras foram fervorosos apaixonados pelos filmes do Oeste. mas, depois, com o rodar do tempo e da idade, compreenderam e principiaram a identificar-se com os mais alcantados dons de beleza da arte cinematográfica.

Carta do Porto

Não podem, também, esses filmes influenciarem profundamente, de modo nefasto, o espírito e a inteligência desses cinéfilos, porque são apenas o primeiro atractivo, a porta de entrada por onde ingressam no número dos admiradores da arte.

Depois, o cinema, por si, pelo seu valor intrínseco, vai modificando essas predilecções até as elevar a um nível normal.

Essa infância cinéfila que se revela sempre com um entusiasmo promissor, longe de constituir um perigo, é a chama que alimenta e cria, constantemente, novas gerações de cinéfilos.

E os cinemas populares, onde esses filmes se exibem, agora quase exclusivamente, podem ser considerados, sem dúvida, as escolas primárias onde a grande maioria, se não todos os cinéfilos, recebem as primeiras lições da arte que acaba por os seduzir e empolgar.

As filmagens do «Trevo»

Interessaram, vivamente, as filmagens do *Trevo de Quatro Folhas*, realizadas no Pôrto. Artistas e pessoal técnico depararam nesta cidade, as maiores facilidades e os figurantes eventuais obedeceram sempre, com a melhor boa vontade, às indicações dos realizadores.

O romantismo no cinema

Há, nesta cidade, um numerosíssimo público, apreciador devotado do cinema que aborda o romantismo, sobretudo quando lhe apresenta obras literárias conhecidas.

Grande parte deste público, dum grande heterogeneidade, não é, positivamente, assíduo frequentador dos cinemas, que apenas frequenta quando são apresentadas as obras.

É interessante notar o ambiente geral das plateias quando se enchem desses espectadores.

Andrecentemente, com a apresentação de «O Conde de Monte Cristo» e a reposição de «Os Miseráveis», se verificou que os salões, onde estes filmes foram exibidos, se encheram desse público curioso.

As suas impressões e as suas exigências são tremendas. Porque não estão absolutamente identificados com a arte. raras vezes gostam dos filmes que vêem e, então, não perdoam, que as películas não reproduzam fielmente todas as passagens da obra em que são inspiradas ou de que são adaptadas.

Mas, como é um público fidelíssimo, neste género, do mal o menos...

CARLOS MOREIRA

TENHO a pele muito branca. Por isso, quando não filmo, uso uma «maquillage» muito ligeira, para não encobrir a «transparência» da pele. Nunca deixo secar o «rouge» e o «baton». Três ou quatro vezes, por dia, renovo-a, e, depois de limpar os poros com um creme especial, faço uma ligeira maquiagem com gelo. Todas as manhãs, depois do «douches», fricciono todo o corpo com uma pequena pedra de gelo. Não se arripiem! É agradabilíssimo! A minha maquiagista é de opinião de que não há melhor tónico para a cutis.

O gelo estimula a circulação do sangue, dá vida à pele, anima-a. Nunca repararam como a vossa face fica tersa e rosada, quando saem à rua nas manhãs de inverno! O gelo dar-lhe-á tonalidade semelhante.

Se tiverem tendência para o cieiço, empreguem apenas água fria ou então envolvam o gelo numa flanela.

É raro, muito raro, que uma mulher não tenha, ao menos, uma feição bonita. E em regra, todas as amabilidades que lhe dirigem visam essa feição que nela mais se destaca pela sua beleza. É vulgar ouvir dizer: «Que lindos olhos, os seus!» E o mesmo quanto à pele, ao cabelo, aos dentes, etc.

Desconfiem sempre que tal suceda. É porque as outras feições são criticáveis.

Compreende-se que uma mulher procure valorizar a feição mais bonita que tem. Mas deve cuidar do seu conjunto do mesmo modo. Um autor francês, disse: «Não há nada mais triste do que ver uma obra-prima

Incompleta, ou uma beldade desfeada por uma feição apenas».

É por isso que eu fico intimamente furiosa quando me gabam «o brilho do meu cabelo». Quero que olhos, a cara, a boca, não sejam ofuscados por essa cabeleira invulgar com que a Natureza me dotou.

Preguntam-me, dezenas de vezes, se o platinado é natural. Pela milionésima vez, respondo que sim. Quando era pequena, chamavam-me albina, pois já tinha os caracóis brancos. Lembro-me de que sofri imenso com o facto...

Hoje, gosto muito de ser loira-platinada, e compreendo que as raparigas queiram trans-



formar o seu cabelo negro como azeviche em fios de prata. Fica melhor ao rosto, e as cabeleiras empoadas doutros tempos foram adoptadas por essa razão. É um facto comprovado.

O cabelo loiro-platinado tem que ser lavado de dois em dois dias. Ora os «shampoos» secam o cabelo, e tiram-lhe o brilho. É por isso que, antes de cada lavagem, fricciono-o com óleo de ricino perfumado e deixo-o penetrar bem no coiro cabeludo.

Em geral, é aconselhável deixar o cabelo na cor que Deus lhe deu. O que não quer dizer que se abandonem e que não se tratem. Se se apresentam sécos e «escorridos» é porque não estão com saúde. Devem tratar-se. Então, ditem-nos com qualquer preparadinho que se encontre no mercado, lavem-nos cuidadosamente — e verão como eles brilham de novo, em todo o seu esplendor.

Vale mais ter um cabelo castanho bonito, do que semi-platinado, com as raízes enegrecidas. É uma coisa detestável, que dá à mulher um ar desmezclado, que lhe fica mal.

Se é verdade que o cansaço desfeia, não é menos verdade que onde mais se faz sentir é nos olhos. A luz demasiada, o trabalho, o vento — inflama-os.

É por esse motivo, que as «vedetas», fora do estúdio, andam quasi sempre com óculos escuros. Nunca deixem de os usar, quando o sol estiver forte, na neve, ou ainda em viagem.

Devem lavar os olhos mais do que uma vez ao dia, com um soluto de água bórica ou com água de rosas. A loção boratada avermelha um pouco os olhos, momentaneamente, mas deixa-os em seguida brilhantes e claros.

Antes de jantar, se vos for possível, estendam-se numa cama ou num «divan», durante vinte minutos, com um tampão de algodão embebido em água quente sobre as pálpebras. Não calculam o bem que isso faz. Experimentem, antes de ir para um baile. De manhã, quando os garotos de jornais correrem as ruas, terão ainda os olhos bem abertos e sem aquela sensação de ardor desagradável, que se sente em casos semelhantes...

E como sabem, uns olhos bonitos são indispensáveis para triunfar das concorrentes, na sociedade de hoje...

JEAN HARLOW.

A partir de Janeiro, projectar-se-ão, em todo o Mundo, actualidades portuguesas!

O cabeçalho sugestivo que encima este artigo é produto duma conversa-revelação mantida com o Director do Secretariado de Propaganda Nacional. Minto: a conversa não foi com o Director do S. P. N., mas sim com o António Ferro das entrevistas: com o António Ferro rei-das-entrevistas: com o António Ferro dos sucessos arrojados que irritam a Lisboa-Literária, cheirante a senhoras vizinhas, a nossa provincianíssima Lisboa-Literária.

O seu gabinete, o gabinete em que me recebeu, é amplo e predomina como tonalidade o amarelo-torrado. Numa das paredes o grande painel alegórico de Bernardo Marques representativo dos mais característicos costumes das nossas provincias, sobre um mapa esquemático: noutra, o quadro «A procissão» de Francisco Smith, que esteve no «Salão de Arte Moderna» e já veio reproduzido no número de «L'Art Vivant» dedicada ao nosso país; em lugar de honra «Lisboa» que Mário Eloy simbolizou numa peixeira forte, tendo como fundo o campanário de certa velha igreja.

O móvel principal do gabinete é a mesa de trabalho: larguíssima em tamanho, mas pequena em espaço, tantos são os livros que se apinham, os jornais que espregam e as revistas amontoadas. Há «maples» e sofás que num mimetismo de cor se confundem com a sala. Predomina o bom gosto e o sentido prático das coisas.

Em certo rodapé, alguns bonecos de Jorge Barradas, reproduzindo tipos regionais: foram distribuídos pelos visitantes ilustres da «Quinzena Portuguesa» em Genebra.

Os meus olhos julgaram ver em desfile rápido, cinematográfico, as máscaras de Duhamel, Maeterlinck, Jacques Maritain, Jules Romain e Unamuno, as máscaras de todos os intelectuais que António Ferro trouxe a Portugal, em carne e osso, para verem, com olhos de ver, as festas de Lisboa. E eu senti-me bem naquele ambiente de Lisboa por onde já passaram estas e muitas outras celebridades do mundo intelectual de todo o mundo. Os artistas que vêm a Lisboa não desembarcam na estação do Rossio, desembarcam no S. P. N.

O S. P. N. é o quartel general da «política de espiritos»: é a barricada donde se faz guerra à civilização oriental, em legítima defesa da civilização latina a que devemos as horas mais grandiosas da nossa nacionalidade.

PROPAGANDA

O cinema é indiscutivelmente o meio mais eficaz de propaganda; de propaganda real, verídica, com consequências rápidas.

A propaganda cinematográfica vence-nos e convence-nos.

No jornal podemos não ler o anúncio, na rua não fixar o cartaz, na telefonia mudar de posto, mas no cinema somos obrigados a fixar o «écran», a conservarmo-nos em silêncio e atentos, embora estejamos ansiosos que principie o filme seguinte; mas este só começa depois de termos visto tudo que nos quiseram mostrar, depois de termos ouvido tudo o que nos quiseram dizer. A publicidade cinematográfica surpreende-nos indefesos no meio dum espectáculo que nos distrai; surpreende-nos, portanto, bem dispostos e isso é uma vantagem pois aceitamos com maior facilidade o que nos querem impor.

Estas considerações sugerem imediatamente uma pergunta: como encarará o S. P. N. o valor da propaganda cinematográfica? Responderam-me precisamente como esperava e

como era lógico: «O cinema é o melhor meio de propaganda».

— Se pensam assim, não deviam dar ensejo a que os acusassem de o desprezar.

— Essa acusação é injusta, incoerente, ridícula. Cai pela base após o primeiro argumento. Lamentamos sinceramente não ter podido, até agora, utilizá-lo duma forma eficaz, conveniente, séria. Mas tem sido impossível, e vou demonstrar que tem sido realmente impossível: Para se fazer cinema é necessário possuir-se material e no nosso país não tem havido nem material nem cinema: além disto, qualquer filme de 2.000 metros importa — sendo feito com muita economia e sem montagens complicadas — em cerca de mil contos. O S. P. N. para todas as suas despesas — e são inúmeras — leve o

da capital, da parte saudável da vida da capital, bem entendido.

O THEATRO AMBULANTE

— E como resolveram o problema?

— Estudámo-lo e vamos resolvê-lo por meio dum teatro desmontável que será transportado num camião especial. Assim podemos dar sessões de cinema e espectáculos de teatro nos mais recônditos lugarejos. A plateia tem 22 filas de bancos com 418 lugares e duas filas de balcões com 50. A cabine das projecções é isolada da sala por meio de placas de amianto, pelo que fica arredada a hipótese dum incêndio.

— Já estão a executá-lo?

— Não. Temos ainda que fazer algumas



Uma sessão de cinema ao ar livre, no populoso bairro da Mouraria, promovida pelo S. P. N.

ano passado perto de mil e quinhentos contos! Como vê a acusação é injusta!

— O que têm feito?

— A nossa secção de cinema organizou com grande êxito as sessões nos sindicatos e ao ar livre. Lutamos com a dificuldade da escolha de películas. Filmes portugueses, para este efeito, são raríssimos em virtude da pequena produção. Portanto, essas sessões são preenchidas — além dos nossos documentários — com alguns estrangeiros, com culturais e um filme de maior metragem escolhido entre os mais sadios.

— Mas não custearam já alguns filmes?

— Sim: fizemos, por exemplo, o documentário sobre as «Festas da Cidade» de 1934...

— Só em Lisboa é que têm organizado sessões?

— Não, Lisboa não é Portugal. E tanto assim é que estudamos cuidadosamente a maneira mais prática e mais segura de estarmos em contacto directo com as nossas vilas e aldeias onde é necessário mostrar-se que a capital as não esquece e que se passa alguma coisa de novo no País. Esta é a feição da propaganda que o Secretariado não pode desprezar, mas também não descuramos a parte cultural: queremos levar, por essas terras, filmes que mostrem uma Civilização civilizada. Não podemos consentir que a provincia esteja meio século atrasada

alterações no projecto primitivo. Mas logo que estas estejam feitas, a execução é rápida.

— Foi realmente uma maneira inteligente de resolver o problema...

— Tem toda a espécie de vantagens. O país é pequeno e podemos portanto percorrer-lo minuciosamente. Além disto a vida rural do nosso povo, aliada à falta e inacessibilidade de comunicações, impede-o e impossibilita-o de se ausentar das suas terras isoladas, onde não chegam os rumores da cidade.

Depois duma interrupção forçada, António Ferro continuou:

— Você andou em maré de sorte, pois obteve há dias do Dr. Oliveira Salazar a promessa da execução de vários dos meus planos. São novidades fresquinhas e das mais sensacionais. Já ando a trocar há alguns meses correspondência com as várias empresas de jornais de actualidades; tenho estudado a possibilidade da inclusão de noticiário português nesses jornais e as negociações encaminham-se duma forma satisfatória. Pois posso-lhe dizer que é quasi certo no próximo ano, correrem, em todo o mundo, actualidades portuguesas insertas nos grandes jornais cinematográficos. Para se conseguir isto, é necessário especializar alguns dos nossos raros operadores neste difícil género de cinema.

— É uma vitória incontestável. Suprima-se assim essa vergonha humilhante que constatamos quando vamos ao animatógrafo: Portugal é ignorado.

— Mas ainda há mais. Está em laboração um grande filme sobre o actual momento político português. É provável que também já no próximo ano se comece a filmar essa obra dinâmica, com fins semelhantes à película italiana intitulada «Camisas Negras». É bom notar que falei em fins semelhantes pois não só a nossa politica é diferente da italiana, como o nosso filme também será diferente das «Camisas Negras».

— Que orientação vão dar a esse filme representativo da «Revolução Nacional»?

— Não sabemos ainda. Pode haver realmente vários processos. Talvez até se faça um concurso sobre o meio de atingir tal fim. Como vê ainda não possuo ideias assentes sobre pormenores. Existe unicamente a ideia base e há possibilidades de executarmos o restante; tendo isto temos o principal.

— Esta nova revelação incita-me a perguntar se ainda possuem mais planos?

— Respondo-lhe que sim. Caso o filme de que acabamos de falar seja executado no próximo ano tenho esperanças de em 1937 produzirmos mais duas películas.

— Com que características?

— Se sobre o filme de 1936 ainda não possuo ideias definitivas, sobre estes muito menos.

— Mas a sua finalidade?

— A sua finalidade é a propaganda, mas de um modo muito especial. Dentro dum filme de costumes (propaganda regional)? dentro dum filme de enredo moral e sadio (propaganda social)? A nenhuma das minhas perguntas sei responder pois quantas vezes já as fiz e ainda não obtive resposta.

— Todos os filmes de enredo são de grande vantagem para o cinema português e além disso servem de treino para as pessoas que nele trabalham.

— Sem dúvida. Todos virão a beneficiar deste grande empreendimento para que movimentaremos o escol artístico do país. Contamos principalmente com aqueles que já deram provas... cinematográficas.

Não há nada mais desorientador para o jornalista que as novidades sensacionais.

Parece-me que nem me despedi de António Ferro!

Invadir-me uma ânsia louca de vadear pelas ruas, gritando por toda a cidade:

— No próximo ano, vão correr em todo o Mundo, Actualidades Portuguesas.

— Está em laboração um grande filme sobre o actual momento político português.

TELMO FELGUEIRAS

Está-se estudando a realização dum grande filme sobre o actual momento português

afirmou António Ferro, director da S. P. N., na notável entrevista que concedeu a «Cine-Jornal»

COMO VEJO OS GALÃS DA TELA

N O princípio da minha carreira passei anos diante das câmaras misturado com figurantes que desejavam triunfar e isso dava-lhes uma coragem enorme para mendigarem colocação por dois ou quatro dias; seguidamente, apareci como personagem obscura de segundo plano, em filmes de aventuras, onde arriscava a vida a cada momento, a trôco dum número de dólares por semana, tão ridículo, que faria sorrir caso o citasse; finalmente nestes últimos tempos tenho trabalhado em filmes a que posso chamar meus, películas de que sou o protagonista, a vedeta, o nome de cartaz.

Possuo um carácter normal aliado a uma ânsia desmedida de triunfo. A vida não me tem sido fácil mas de forma alguma a posso apelar de cruel.

Se hoje sou alguém, não o devo à sorte, mas sim a esta vontade permanente de triunfar, que nunca me abandonou.

Hoje, quando olho para traz — para o passado — compreendo perfeitamente que foi bom para mim tudo o que me sucedeu. É devido ao meu passado que sou hoje o homem que sou, é ainda devido ao meu passado que sou um homem absolutamente normal, possuidor de certas qualidades, que agradam a muitas raparigas americanas.

Dizem que criei um novo tipo de homem. Tenho reflectido bastante sobre esta curiosa afirmação que lisongeia bastante a minha vaidade. No entanto a vaidade não me obseca e assim sou o primeiro a dizer que Gary Cooper e Douglas Fairbanks, por exemplo, têm igualmente criado novos tipos de homens.

Sem desprimor para os galãs das grandes produções de 1914 e 1915 devo afirmar que os novos tipos de homem que o cinema hoje celebrizou estão mais perto da vida, da verdade e do agrado do público.

Se procurasse resumir em duas palavras a diferença do galã de ontem e o de hoje diria que o primeiro agrada sobretudo às mulheres enquanto que o segundo consegue conciliar o agrado dos espectadores de ambos os sexos.

* * *

Os novos tipos de homem como nós os encarnamos, têm existido sempre em certas fitas de Oeste, em certos filmes muito americanos.

Estes novos tipos de homem, que estão actualmente em moda, serão ainda modificados?

Conhece-se há muito tempo o galã tipo latino, elegante e terno, poético em excesso para a nossa psicologia actual mas que não podia deixar de ter agrado ao público de outro tempo; Rodolfo Valentino, por quem guardo uma tão grande admiração, foi o intérprete perfeito deste género de papéis no tempo em que o cinema vivia unicamente do romanesco e desprezava tudo o que podia lembrar a vida quotidiana. Em seguida ao desaparecimento de Valentino a evolução dos usos e costumes fêz-nos criar um tipo de galã viril que possuía um aspecto de «gentleman» sem contudo perder os seus caracteres rásticos, pois é indispensável conservá-los para que tenhamos personalidade. O galã meigo, com carinhos infantis,

agrada sempre ao público e encontra em Ramon Navarro o prototipo mais notável: obras como «Ben-Hur» e o «Pagão» servem-nos de exemplo.

Ao mesmo tempo que este último género de galã continuava a sua carreira triunfal, nascia entre os espectadores uma obscura necessidade de ver na tela homens semelhantes a eles, americanos cem por cento, se assim lhe quisermos chamar, providos de elegância: quer eles fossem soldados ou milionários, aventureiros ou pastores protestante, estudantes ou salteadores novaiórquinos, deviam ter aspecto natural e robusto e nunca ar de meninos alambicados com pretensões donjuanescas como esses ho-

mens que infestam o Broadway e o Melchigan Boulevard.

O galã de hoje — era aqui que eu queria chegar — é um retrato verídico do homem que possui ambições e ânsias de triunfar, que não tem a vaidade estúpida de se exhibir como manequim com o intuito de dar nas vistas. Para se encarnar este tipo de galã, é necessário termos lutado com a vida, é necessário termos sofrido, com coragem e sem desânimo. É este aspecto forte do homem definido que o público gosta de ver exhibir-se na tela.

CLARK GABLE



Quando marlene dietrich



— Quem a apresenta? Quem a recomenda?

— Ninguém! Não quis pedir ajuda.

— Então vá a exame e diga aos professores que o sr. Kahane se interessa por si.

Kahane, que morreu há pouco tempo, era um dramaturgo reputado e um dos colaboradores mais assíduos de Reinhardt. Com tão preciosa recomendação Marlene apresentou-se ante o júri, composto pelos prof. Berthold Heine e Albert Heine.

Recitou o papel da rapariga do *Louco e o Morfe*.

Formidáveis gritos Heine com entusiasmo. «Aprovada!».

Como o seu colega se mostrasse mais reservado, os dois acabaram por proferir a sentença:

— Condenada a um período de aprendizagem com o professor de diction, o theâtre Daniel.

UM CONTRATO E UM NOVO

Antes de ser artista, Marlene foi ex-pôs e bail. Um belo dia — quando não passava duma modesta aluna — um produtor cinematográfico pediu, ao director da escola onde Marlene se iniciava na Arte Dramática, que lhe enviasse duas discípulas para encarnar os papéis de duas mundanas. A escolha recaiu em Gretli Mosheim e Marlene Dietrich.

Foi um dia decisivo, para a filha do oficial, a sobre Marie von Losche. Não porque, nesse dia, se iniciasse propriamente a sua celebridade. Mas sim porque a linda rapariga encontrou um marido encantador, o cineasta Rudolph Sieber.

Não muito antecedente ao primeiro dia do seu trabalho no estúdio, Marlene não se deu conta. Esteve a confeccionar um vestido de brocado verde. Com essa

MARLENE Dietrich tirou um retrato quando era pequena; de lá, sobre uma pesada cadeira toda trabalhada, com as mãos no espaldar — tem o ar duma mezinha ajeitada, daquelas que mais tarde são algumas... Era um retrato digno da galeria familiar do capitão de cavalaria von Losche, seu pai.

Pertenciam à velha nobreza de Brandeburgo e eram o que se chama hoje, em linguagem adulterada do nosso século, gente letrada.

Marie von Losche, que mais tarde se deveria destacar no cinema, começou por frequentar o liceu. Mas depressa abandonou os estudos tristes das aulas, para cursar o Conservatório de Weimar. A sorte, ou, melhor, a pouca sorte, não quis que ela realizasse os seus primeiros sonhos: ser uma violonista célebre. Deu uma queda, fraturou um pulso — e acabou por renunciar à música.

OS PRIMEIROS PASSOS...

Há, no entanto, um ponto de contacto entre a sua carreira musical e cinematográfica — Hugo von Hofmannsthal. Foi este poeta e músico que, para distrair dos seus cuidados, fez com que ela tomasse parte numa peça sua, *O Louco e o Morfe*. Como todas as raparigas alemãs, que sonham com a glória do tablado, Marlene passou a ser uma aluna fiel dos cursos de Max Reinhardt.

E Marie von Losche fez, assim, a sua inscrição para o exame final. Esperava um milagre — mas teve medo.

Um velho singelo azeiteiro-se. Viu a loira rapariga, com um livro debaixo do braço.

— Que faz aqui? — inquiriu.

— Quero ir a exame, respondeu-lhe Marlene.

ciotiletas audaciosas, com os seus caracóis loiros habilmente dispostos, com um monóculo na órbita — apresentouse no estúdio. E lá Lola-Lola na sua primitiva versão não conquistou logo o mundo! Mas fez a preciosa conquista dum bom marido e depressa se tornou esposa — e mamã da encantadora Heidi.

O lar de Marlene não a fez renunciar ao palco e à tela. No entanto, não conseguia estabilizar-se. Os críticos não a criticavam e o público descobria o seu nome. Mas não tardou em alcançar o primeiro êxito, numa peça em que a sua sexualidade contrastava com a impetuosidade provocante de Marga Lion. E Marlene começou a ser notada. Quasi simultaneamente obteve o primeiro êxito na tela, na *Marber que se desce*, onde, encarnando, pela primeira vez, o papel de romp, descobriu o filho que devia explorar nas suas fúrias encarnações.

STERNBERG DESCOBRE LOLA-LOLA

Nem tudo são rosas na vida duma artista. Mas na vida das estréias de cinema, há momentos inesquecíveis. E Marlene também os teve.

Joseph von Sternberg, o célebre realizador da Ufa, propôs-se adaptar à tela o romance de Heinrich Mann, *O professor Urant*. Os papéis estavam distribuídos. Só faltava o de Lola-Lola. Ora, uma noite, o grande realizador vienense foi ao Grande Teatro de Berlim, para ver Hans Albers, a quem pretendia confiar um papel do *Anjo Azul*. Notou uma actriz, sem categoria,

por quem se interessou logo, vivamente!

— Quem é?

— Marlene Dietrich.

No estúdio a barulheira é infernal. Sternberg convence Marlene a fazer um teste. Fede-lhe que cante alguma coisa. Marlene começa, hesitante... O operador filma implacavelmente. Marlene canta a primeira coisa que lhe vem à cabeça.

Maravilhoso! exclama Sternberg. Marlene sente-se ridícula. Chora, nervosíssima. Depois, a sua mais perigosa rival para o papel de Lola-Lola passa ante a câmara. O triunfo não oferece dúvidas a ninguém. Mas Sternberg, com grande espanto dos circunstantes, declara:

— Fica Marlene Dietrich. Um verdadeiro conto de fadas!

O PARAISO DE HOLLYWOOD

Desde então, Marlene Dietrich e José von Sternberg trabalham juntos, em Hollywood. Após o *Anjo Azul*, veio *Morocco*, depois *Futilidade*, *O Expresso de Xangai* e *A Venus Loira*. A ventura entre a vedete e o realizador não completa, que ambos adoptaram uma mascote comum: o gato preto, que figurava em todos os filmes de Marlene Dietrich.

Tiveram também íntimos comuns. A América não é só a pátria dos arranha-céus, mas também do falso patriotismo. Olham Marlene como uma mulher perdida, a Lola-Lola de costas

(Continua no p. 72)



SALLY Mac Gregor (Joan Bennett) era infeliz. Sentia seu marido um pouco afastado de si própria. Era médico psiquiatra, e tratava os débeis mentais num hospital que dirigia com a linda e competetissima Doutora Jane Everest. Havia dois anos, que Jane e Mac Gregor trabalhavam lado a lado, na mais pura e franca das camaradagens. Sally tinha uma confiança absoluta tanto em Jane como no seu marido. Mas quando, às vezes, como médicos ambos discutiam qualquer assunto da sua vida profissional, Sally sentia-se desoladamente só, inferiorizada ante seu marido. E às vezes tinha ciúmes dessa Jane que, além da sua beleza e da sua mocidade, tinha ainda a sedução do seu espirito, profundamente culto e deliciosamente feminino...

Mac Gregor e Jane Everest dirigiam o seu hospital interinamente, e acolheram, com surpresa, o Doutor Charles Monet, um francês, que fora nomeado para o lugar de dirigente daquela clinica. Mac Gregor sentiu, em pleno rosto, o ultrage. Esperava ser promovido e ocupar o ambicionado lugar e, desde o primeiro instante, passou a votar um ódio de morte ao estrangeiro que assumira a direção da casa, cargo que ele, melhor do que ninguém, saberia desempenhar.

Charles Monet tinha fama de ser demasiadamente ríspido, duro até, com as médicas. Com efeito, começou logo por remodelar os quadros do hospital e destituiu Jane do lugar que ocupava, para lhe dar outro inferior, com o pretexto de que era muito exaustivo para uma mulher.

Mac Gregor tomou as dores da sua camarada de tantos anos. Teve uma cena tempestuosa com Monet. Mas este não era homem para quebrar e manteve a resolução injusta que tomara.

Com a pretensão de desanuviar os ares, ou talvez para melhor conhecer os seus colaboradores, o doutor Monet convidou os médicos do hospital para um jantar de festa, que lhes oferecia, em sua casa. Alice Monet, sua irmã, uma «viúva alegre», com um passado de aventuras, recebeu-os também.

O despeito dos esforços de todos, o jantar foi glacial. Mac Gregor dominava a sua cólera, ante as súplicas mudas de Jane.

A hora do café, quando a música se começou a ouvir e alguns pares deslizaram na sala, Alice entendeu que era chegado o momento de procurar um «flirt». Mac Gregor era o mais novo e foi o que ela escolheu...

Alice aborrecia-se só, com seu irmão. Precisava de se divertir — e ali estava uma boa ocasião. Supunha que Jane e Mac eram amantes. As más línguas também o afirmavam, no hospital. A aventura tentava-a. Que grande triunfo! Seduzir um homem casado, que, para mais, tinha uma amante...

E Mac Gregor não repeliu as propostas da bela Alice Monet, a despeito dos olhares desesperados de Sally.

Desde esse dia, Mac Gregor começou a não se importar com os seus trabalhos que, até então, haviam absorvido o melhor da sua existência. Abandonara o hospital, desprezara os doentes, nunca mais quis saber dos relatórios — para viver apenas para Alice e para o seu amor.

Era curiosa, esta mulher. Fora acusada de matar o marido. A causa apuxonara a opinião pública e foi o irmão que a livrou de apuros, com a sinceridade do seu testemunho, no qual ele próprio não eria!

Charles Monet levava sua irmã para a América, na esperança de que ela se transformasse. Esperanças vão! Ela, novamente, de cabeça perdida, vivendo apenas para um homem, que fatalmente a ia perder.

Estas preocupações cavaram mais fundas, na fronte de seu irmão, as rugas perpétuas. O seu mundo secreto, os seus pensamentos íntimos, estavam longe de ser felizes. Com amargura verificara que sua irmã era um daqueles seres que nascem apenas para semear a desgraça em seu redor.



Os principais intérpretes: Charles Boyer (dr. Monet) e Claudette Colbert (Jane Everest)

Jane Everest estava desolada por ver Mac Gregor preso numa mulher que o não merecia. Condoía-se da pobre Sally, cada vez mais preocupada, mais triste, mais infeliz.

Um dia, Jane conseguiu descobrir a verdadeira personalidade de Monet. Um velho árabe agonizava no hospital, balbuciando palavras que ninguém compreendia. O médico aproximou-se então do leito do moribundo, e falou-lhe ao coração, preparou-o para a morte. Esta cena tão simples, tão curta, impressionou profundamente Jane. Mas não teve tempo de pensar muito tempo no caso. Um louco, chocado por qualquer coisa sem importância, alirrou-se ao dr. Monet. Lutaram os dois. A pouco e pouco, a revolta generalizou-se. Os enfermeiros acorreram. Só Jane conseguiu, porém, dominá-los. Conheciamos um a um. Soube falar-lhes à razão perdida...

Na queda, o dr. Monet fracturou um pulso. Foi ainda Jane Everest quem o radiografou e lhe fez o tratamento. Monet era demasiado inteligente, para não se ter apercebido do esforço de Jane para dominar os revoltosos. E foi forçado a reconhecer que ela conhecia, muito melhor do que ele, os seus doentes.

Passaram a ser diferentes um para o outro. Menos duros, mais comunicativos. Mac Gregor compreendeu tudo. E martirizava Jane: «Passaste-te para os inimigos... De resto, toda a gente sabe aqui no hospital, que vocês os dois são...»

Ela não quis ouvir mais. Aquele insulto, na boca dele, queimava-a.

Foi dias depois desta cena, que Sally veio fazer confidências a Jane. Estava em vésperas de ser mãe. Mas sentia o marido tão longe de si, que temia dar-lhe a notícia...

Sally piorava, dia a dia! Jane verificara nos seus olhos algo de estranho. A obsessão da sua inferioridade, perante o marido, minava-a. Quis tentar educar, em sua casa, uma pobre louca. Mas não conseguiu. Aquela convivência fôra-lhe nefasta. Quis fugir dela, um dia, quando sentiu que ia endoidecer.

Uma crise prostrou-a. Chamados a toda a pressa, Jane e o dr. Monet diagnosticaram. Só uma operação, uma operação melindrosíssima, a salvaria!

Mac Gregor chegou muito tarde. Vinha de casa de Alice. Detestava esta mulher, mas, tendo-a como sua amante, gozava a sensação de se vingar de Monet, esse chefe, que se não habituara a suportar.

Triste vingança! Ao chegar a casa encontrou um papel onde Jane, com letra incerta, escrevera: «Venha depressa ao hospital!» Viu, imediatamente, que o drama se desenrolara. Como louco, correu para a clinica.

As enfermeiras, saíam da sala das operações, quando Mac Gregor lá chegou. Tudo corra bem. E Monet operara-a!

Os dois homens deram-se as mãos! Quando chegou a casa, quis pôr Alice dali para fora. Ela lá estava, como sempre: «coquetos», frívola, quasi arrogante. Ele disse-lhe o que queria! Té-la por mais tempo em casa — era impossível. Alice revoltou-se. Chamou-lhe hipócrita.

E Monet cedeu, pela primeira vez, como um fraco...

Sally restabeleceu-se. Jane resolveu partir. A reconciliação dos dois médicos tornara a sua presença inútil. Pelo menos, tal era a razão que invocava!

Monet falou-lhe! Ela também tinha o seu mundo íntimo! Viveria sempre com o fantasma dum amante impossível. Ela não poderia calcar o amor a seus pés! «De acôrdo!» respondeu-lhe Jane!

«Mas se a vida me agrada assim?!...»

Então Charles Monet abraçou-a. Ao ouvido, num brande efêio, murmurou: «Amo-a, Jane...» Uma lágrima de alegria rolou pelas suas faces. Aconheceu-se mais ao seu peito! E, como uma pequena animada, voltou: «Mas!... porque levou tanto tempo para me dizer isso?!»

Duvidando do seu amor, ela queria fugir, para se isolar, no seu mundo íntimo!

KATHARINE



HEPBURN



Hollywood em péso, em invulgar unanimidade, comenta a mudança completa que se operou no espírito da insinuante Katharine Hepburn. Mas todos concordam que esta sua nova personalidade a torna mais atraente. A grande metrópole do cinema está acostumada às mais repentinas e esdravaganter mudanças...

Em Hollywood já nada se estranha, — e por isso, se criou a palavra «cinemania». Mas, desta vez, até os cinemaniacos estão estupefactos com a transformação da Hepburn, que era como que uma chama ardente e se transformou num lago de águas tranquilas.

Os seus amores

Alguns alegam que a causa desta metamorfose é a sua amizade com Charles Boyer, o simpático e popular artista francês que trabalhou a seu lado num dos seus mais recentes filmes, «Corações Desfeitos».

Essa amizade tem sido uma dedicação curiosa, uma admiração franca e sincera. Esta é uma das três grandes simpatias que originaram a falada modificação de Katharine Hepburn.

Na verdade, a interessantíssima artista transformou-se e Boyer não foi a única pessoa que contribuiu para isso. Há outras amizades, que ela descobriu este ano — ela que, até agora, tão poucas admitia no seu círculo de relações.

John Beal foi um rapaz que alcançou a fama em *Little Minister*, e Katharine trabalhou afanosamente para lhe conseguir esse papel, e bem assim o que lhe confiaram em «Corações Desfeitos». O outro é Leland Haywood. Os quatro foram, juntos, assistir à «caval premiére» de «Mundos Intimos»: Hepburn, John Beal, Leland e Charles Boyer.

As suas masias...

Alguns dos nossos encontros com Katharine foram quase desastrosos. A primeira vez, durante a filmagem de «Morning Glory», encontrava-se numa varanda, vestida com um velho «kimono» desbotado, falando, enérgica e furiosamente, com o seu director Lowell Sherman. Dizia-lhe, de um modo bem claro, exactamente o que pensava a respeito da pessoa que levava do seu camarim, o seu traje favorito — uma

do filme em que trabalhava na ocasião. E, pouco depois, estavam todos sentados à sua volta, saboreando o bôlo! Foi, então, que pensamos que aquele ar de desafio, da mulherenigma, seria, apenas, uma «pose»... uma barreira protectora dos seus verdadeiros pensamentos.

É intrigante o estudo desta mulher estranha. Não conhece a palavra menlira. Tudo, na sua já gloriosa carreira, prova que teve sempre uma confiança completa em si mesma, e conquistou a glória pela força de vontade dessa fé vibrante. Isto vê-se, claramente, em cada um dos seus filmes.

Assim, esta nova Katharine, de 1935, é meiga e interessante, como nunca o foi até agora.

Um pouco excêntrica

Esta artista, invulgar temperamento de mulher, observou sempre, religiosamente, um princípio: não admite visitas. Um dia veio ao estúdio uma pobre cega, para lhe ouvir a voz e queria ouvi-la no seu trabalho,

Um dia, a encantadora Jo de «Quatro Irmãs», viu no meio de um grupo de «extras» um rapaz que parecia esfomeado, tal o seu aspecto macilento, e escolheu-o imediatamente para um papel da película em que estava a trabalhar, somente porque teve pena d'ele... E foi, num outro gesto gracioso, um dia, quando John Beal rasgou as calças num restaurante, que Katharine Hepburn se levantou ao mesmo tempo e, com o seu vestido largo levantado, para o esconder, saiu com ele do restaurante...

Casos destes dão-se continuamente, demonstrando que esta nova fase do carácter, da admirável intérprete de «Quatro Irmãs», é real. Mas, nada nos impressionou tanto como um pequeno episódio, que passou quasi despercebido, num dia em que ela estava com o director Richard Wallace, no alto de uma torre, quando este dirigia a filmagem duma cena.

... Mas boa rapariga

Katharine, nessa altura, não trabalhava e, portanto, estava lá em cima com Wallace, despreocupadamente. O encenador calçava, na ocasião, sapatos de pano, pois, o microfone estava a seu lado e era necessário silêncio absoluto. Ela, atrás, olhou casualmente e notou que um dos sapatos estava desapertado e o director não o sabia. Um passo errado, sobre aquele cordão desamarrado e Wallace podia tropeçar e cair daquela altura de oito metros... para a morte! Sem uma palavra, Katharine, rastejou até junto d'ele, amarrou o cordão e voltou para o seu lugar. O encenador não deu pelo incidente, a cena prosseguiu sem pausa alguma... e ela voltou para o seu lugar, continuando, despreocupadamente, a estudar o papel que tinha entre mãos...

Na verdade Hepburn mudou muito. Está mais terna, mais calma, mais tole-

calça de operário, velha e rasgada. Ameaçou-o de tal maneira, declarando que não mais trabalharia enquanto não aparecessem as calças, que Sherman apressou-se a oferecer-lhe um lindo par de calças novas.

Katharine soube, então, que tinha sido o seu próprio director quem havia roubado o andrajo, cansado de a ver andar tão maltrapilha... Katharine achou graça à brincadeira, mas, vingou-se, no dia seguinte, aparecendo no estúdio com calças compridas, ainda mais rasgadas que as primeiras!

O encontro que, depois, tivemos com Katharine ia quasi acabando mal para nós. Fumávamos tranquilamente, o nosso cachimbo no seu pequeno «set», precisamente, no momento em que a nossa encantadora «estrela» ia principiar uma cena difícil, de alta intensidade, em «Quatro Irmãs». Estava perfeitamente tranqüila, denotando uma excelente disposição, mas, ao entrar em cena parou, de súbito, e disse:

— Se não abrirem aquelas portas, morro asfixiada! Aqui dentro há um cheiro horrível!

Muito depressa, cautelosamente, fomos saindo e só voltámos quando o cachimbo estava em lugar seguro. E um pobre garoto, que fumava um inocente cigarro, foi o incriminado.

Katharine, nova versão...

Voltando, há pouco tempo, de uma viagem de duas semanas a S. Francisco, notámos, pela primeira vez, a falada transformação de Katharine. Chegámos ao estúdio no momento em que a insinuante artista oferecia um bôlo, por ela cozinhado, aos seus companheiros



INCONSTANTE

Katharine não podia transgredir a regra, mas teve um gesto altamente simpático. Mandou instalar um alto falante no seu camarim e lá deixou que a cega ficasse o dia inteiro, ouvindo o que se dizia em cena e, sempre que se lhe oferecia uma oportunidade, ia ao microfone e falava à pobre mulher, contando tudo o que estava a fazer.

ranle. Agora o que será para futuro, ninguém o pode dizer, porque, sobre o seu temperamento maleável, ninguém quer ser profeta.

Katharine Hepburn é como um riacho nas montanhas — às vezes, calma; outras vezes, torrencial...

MARIUS SWENDERSON

CARTA DE BERLIM | A propósito de "As Cruzadas"

...Estamos na «praça do mercado» duma pequena cidade alemã. É uma praça cinematográfica, mas nem por isso deixa de ter o seu cunho de autenticidade. A esta hora há pouco movimento. Apenas à porta de uma casa, algumas comadres burguesas vestidas à moda de 1800, conversam animadamente. O prédio mais imponente é o da hospedaria «Zur Krone», com brancos cortinados nas janelas, e um jardim ensombrado pelas ramagens das velhas lílias. De repente, a porta abre-se, e o criado da hospedaria aparece no limiar. Os seus olhos perscrutam ansiosamente o firmamento. Fará sol ou virá chuva?

Atravesso a pitoresca praça, decidida a perguntar às comadres onde é que poderei falar com a «Madame Martin»...

Neste momento, surge de uma das ruas um automóvel moderno que em marcha lenta vai parar em frente da hospedaria. Vejo no seu interior um perfil delicado de mulher. É Lil Dagover. A sua mão de uma brancura de jaspe faz-me sinal para entrar para o automóvel. Reconheceu-me, sem dúvida...

— Entre! Aqui podemos falar à vontade.

Depois os seus olhos, fixam-se no céu, tal qual como há pouco o rapaz da hospedaria. É com a mesma ansiedade que me pergunta se haverá sol ou chuva. Infelizmente, não lhe sei responder. A ciência meteorológica nunca foi o meu forte...

— Desculpe-me — acrescentou, apertando entre as mãos um livro volumoso — o argumento tem um diálogo que ainda me falta estudar.

Entretanto reparo no contraste da cor cinzenta das almofadas do carro com o amarelo dourado do seu vestido. É certamente uma das criações mais caprichosas da moda parisiense de princípios do século XVIII. O audacioso decote do vestido ostenta uma cereadura de rendas douradas, de onde sobressaem, como de uma taça de ouro, os belos ombros e o pescoço esbelto de Lil Dagover. Os cabelos negros, caindo em caracóis pelos ombros nus, emolduram deliciosamente a cabeça da formosa artista.

E quando Gerhard Lamprecht, o director de cena, abre a porta do carro, com a cara de quem vai repetir a pergunta do sol ou da chuva, é ele quem se encarrega de exprimir o meu pensamento:

— Que linda que você está!

Quando Lamprecht se retirou, Lil Dagover confessou-me que adorava os trajes históricos, o que aliás não admira numa actriz como ela que estudou a fundo a História da Arte. A nossa conversa, porém, tomou outro rumo e alargou-se pelos domínios da Moda, um assunto que interessa sempre às mulheres.

— Esta minha preferência pelos trajes históricos ajuda-me a compenetrar-me profundamente dos papéis que devo encarnar, visto que defendo o princípio de que a artista deve integrar-se no carácter da pessoa que o papel descreve. Eis a razão porque as modas, na vida real, pouco ou nada me interessam. Escusa de me olhar com esses olhos de incredulidade, porque é assim mesmo. Pode perguntar à minha irmã, ou à minha filha... Embora o que eu digo represente uma desilusão para muitas das minhas admiradoras, o certo é que a vida privada de uma artista de cinema não consta de alegres ócios nem de preocupação pelos ditames da Moda. Todo o nosso desejo, nas horas vagas, que tão poucas são, é ganhar tempo para novos estudos, é prepararmos-nos intimamente para o trabalho num novo filme. Portanto, não temos tempo nem vagar para fazer uma vida de delícias, como é costume presupor quando se fala de nós.

Uma enorme gritaria pôs ponto final na nossa palestra. Centenas de pessoas, reinidas na praça e olhando para o céu,

aclamavam o aparecimento do sol, como os marinheiros das naus que, depois de longas e incertas viagens descoliriam novos mundos.

Berlim, Novembro de 1935.

M. SANTOS E SILVA



Alice Faye, na sua piscina, em Hollywood

MARLENE DIETRICH

(Conclusão da pág. 9)

impúdicas, a sedutora profissional. O súbito divórcio de Sternberg não seria uma simples coincidência?... Inúmeras ligas femininas declaram guerra contra a perturbadora loira, contra a mulher que relegara o lar, para um plano secundário. Não há ninguém, na América inteira, que seja capaz de lutar contra isto. Nem o próprio Charlot.

Mas o marido e a filha de Marlene vêm ter com ela a Hollywood. É a própria mulher de Sternberg é levada a crer que Marlene não é a «birata» do amor que todos pretendem, que é bem diferente dessa amorosa perturbadora cujo «esporte» favorito consistiria a seduzir os maridos das outras...

UMA PROPOSTA DE HITLER

Logo que conseguiu triunfar destes contratempos, foi forçada a sustentar nova luta, desta vez ao lado de Stern-

O espectador que assiste do seu «flutillante», ao desenrolar dum filme, não a sila por certo o trabalho formidável que ele em si condensa, e que seria fácil de aquilatar se assistisse, no estúdio, à sua realização.

Os múltiplos aspectos de que se re-

veste uma obra, enquanto se realiza, são deveras interessantes.

Cada filme é um novo e custoso problema para o produtor. No entanto, a organização dos estúdios permite resolver qualquer dificuldade em 24 horas.

Para o espectador, a produção de uma película pouco difere uma das outras. As personagens actuam ante a câmara fotográfica, os seus gestos e vozes são impressionados e um director dirige o conjunto. É assim a produção de um filme, diz o espectador.

Porém, a realidade é bem diferente.

Evoquemos, por exemplo «As Cruzadas», o filme que veremos esta época.

Todo o estúdio tem a chamada «oficina de realizações», na qual se planeiam em todos os pormenores as várias películas. Vinte e quatro horas antes, De Mille avisou a referida «oficina» que pensava filmar o assalto às muralhas duma cidade.

Era, pois, necessário preparar todos os utensílios, avisar os actores e figurantes e tomar certo número de precauções para a protecção do pessoal.

Mais de quinhentas e cinquenta pessoas participaram na cena. Ali appareceram trajes para todos e uma legião de caracterizadores para as modificações dos rostos, etc. Foi necessário colocar polícias em redor do estúdio, para desviar o trânsito de automóveis e evitar que o ruído de uma busina fosse misturar-se inesperadamente com o ruído produzido pelas armas e máquinas de guerra da «de Média».

Uma ambulância, com sua equipa médica e de enfermagem, foi montada num lugar estratégico que permitisse socorrer os actores que se ferissem por caírem de um cavalo ou queimarem-se com algumas das bolas de fogo que eram um dos principais elementos do combate defensivo.

Os bombeiros do estúdio, com todo o seu material de combate, collocaram-se em diversos locais do «set», dispostos a actuar com vigor ao primeiro indicio de incêndio. Com o lançamento das bolas de fogo, que os soldados atiravam das muralhas para repeller o avanço dos Cruzados, o perigo de fogo era iminente. Um numeroso grupo de moços de cavalaria vigiavam os cavalos, que com as chamas e o fragor da batalha, se espantavam, recedendo-se a todo o momento que largassem, espavoridos, em desordenada correria.

As baterias dos potentes projectores eléctricos que iluminavam a cena exigiram a presença de vinte e cinco chefes electricistas e dum numeroso grupo de ajudantes que procuravam evitar que alguma pessoa pisasse os cabos e recebesse um choque que lhe seria fatal.

Dezenas de roupeiros encarregavam-se de vestir os soldados e de dar uma vista de olhos, à última hora, nos seus uniformes. Todos os obreiros de guarda-roupa, caracterizadores, etc., estão presentes, para vestir os comparsas.

Enormes plataformas, arrastadas por tractores, montavam-se no «set». Cada plataforma levava uma das sete câmaras que foram utilizadas para filmar as fases da batalha, e tinha uma equipa de dez a dize homens entre fotógrafos e ajudantes. O material era imenso e variado, nada faltando para que a cena se reconstituísse a preeceito. Tudo appareceu a seu devido tempo, graças à continua vigilância da «oficina de realizações».

Qual será pois o espectador que ao assistir à projecção de um filme se lembra de todos estes obreiros do cinema, e do trabalho verdadeiramente exaustivo que foi dispendido para lhe oferecer aquele quadrado de luz que o deslumbrou e o distraiu?

FERNANDO A. DE SA

HOJE, logo que eles aparecem, as gargalhadas ecoam na sala. O magro Laurel, com os seus olhos piscos, ingênuos, os seus gestos indefiníveis, e o gordo Laurel, inchado sempre numa importância ilusória, com o seu ar protector, a despeito dos revezes da sorte — têm um público fiel que delira com o espectáculo das suas aventuras, uma série ininterrupta de infelicidades, de revoltas logo dominadas, de trapalhadas sem fim. Melhor do que ninguém, sabem dar todo o seu valor trágico-cómico aos pequenos dramas quotidianos, que cobrem os seus protagonistas do ridículo. São exímios em explorar os velhos temas da loia partida, das quedas nas escadas, dos botões de colarinho perdidos, dos objectos pintados de fresco... e das tempestades caseiras provocadas por espôsas irascíveis.

E a franca hilariedade que sublinha todas essas passagens é irmã gémea daquela outra, irreprimível e cruel, ao mesmo tempo, com que se acolhe a queda duma senhora que escorrega na rua, numa casca de banana, ou a bofetada com que um D. Juan audacioso é mimoseado pelo objecto dos seus amores...

O espírito dos filmes

No entanto, para Laurel & Hardy êsse riso impiedoso traduz-se em popularidade, glória, fortuna fácil, e êxito!

Hoje vivem das gargalhadas dos outros. É uma compensação tardia, mas bem merecida, porque, durante muitos anos, conhece-

ram a miséria, a amargura e a humilhação dos insucessos, a angústia e a incerteza dos dias de amanhã, que só lhe traziam decepções. As lágrimas que choram, o desespero que mimam, hoje, de forma caricatural, para prazer das turbas, são iguais às que conheceram, na realidade. É isso, sem dúvida, que dá às mais loucas das suas *trouvailles* um travo longínquo de humanidade, uma nota irónica e grave. É isso que os eleva acima do nível de simples augustos de «soirées».

Em maré de pouca sorte...

Só muito tarde, se associaram. Stan Laurel, que nasceu em Ulverson, em Inglaterra, em 1895, desde pequeno pisou os palcos. Seu pai, que era proprietário dum circuito de teatros, viu sempre com maus olhos as tentativas do filho para os papéis cómicos. Não querendo contrariar a sua vocação, fugiu de casa.

Em breve, caiu na maior miséria. Uma «tournée» a Hollywood, com uma «troupe» de feira, foi um insucesso total. Desamparado, doente, Stan Laurel, foi internado num hospital.

Quando saiu, arranjou um contrato com as English Comedians de Fred Karno. Charlie Chaplin fazia então parte da «troupe».

Stan revela-se

Em 1911, Fred Karno resolveu correr a América, com a sua «troupe», da qual faziam



A CARREIRA DIFÍCIL DE LAUREL & HARDY



parte Chaplin e Laurel. O último ganhava, então, 15 dólares por semana. Começara por ter um cachê de 3 shillings, por dia.

Durante quatro anos, Laurel correu os U. S. A. de lés a lés. Representavam, então, um entremês de grande êxito *Uma «soirée» num music-hall inglês*. Um belo dia, resolveu fazer sózinho êsse número. O público recebeu-o friamente. A pouca sorte fez-se sentir novamente. No comboio, roubaram-lhe 800 dólares, as suas economias.

E caiu de novo, em Hollywood, mais pobre do que nunca.

Conseguiu novo contrato. Foi actor e, depois, realizador, nos estúdios Hal Roach. E encontrou, aí, Oliver Hardy.

A história de Olly

Oliver Hardy tinha experimentado, até então, uma existência análoga. Nascido, em 1892, em Madison, na Georgia, perdeu o pai muito cedo. Sua mãe, crivada de dívidas, cheia de trabalho, foi viver para Atlanta com os filhos.

Aí, o jovem Oliver fez-se vendedor de jornais e, mais tarde, contratado por uma «troupe» errante de «Minstrels», resolveu correr o mundo. Infilgraram-lhe maus tratos e depressa voltou ao lar paterno. Quis estudar e, para isso, foi forçado a fazer uns números de «music-hall», nos teatros da Província. Pôde, assim, pagar as propinas e frequentar ainda dois anos na Universidade de Georgia.

O dinheiro, porém, faltou-lhe. Os contratos rareavam. A miséria e a doença afli-

giam-no. Esteve em perigo de vida, com uma pneumonia. Conheceu as «tournée» que acabavam por o empresário fugir com a caixa: recebeu, para pagamento dos seus honorários, cheques sem cobertura; saboreou o trago amargo das desilusões e das falências — conheceu, enfim, o estendal de misérias, familiares dum actor ambulante.

Tomou, depois, também, o rumo da Cidade do Filme, atraído pelas mil e uma lendas doiradas, que ouvira contar. E foi parar a Hal Roach.

Lado a lado, finalmente

Um belo dia, Stan Laurel, realizador, teve que substituir um actor ausente. Roach notou a sua mimica. Perto dali, Hardy destacava-se, bojudor, com a sua silhueta pesada e caricatural. Representaram, lado a lado, uma cena. O êxito não se fez esperar.

Dai em diante, estava assegurada a vida do «team» mais célebre que o cinema tem criado.

Hardy, o tirano...

Tudo na vida tem o seu reverso. E, assim, é Stan Laurel, o tólo, o perseguido, quem, nos bastidores do cinema, é ditador. Os argumentos são aprovados por ele. A seu cargo, corre a super-visão das obras. Interessa-se por tudo, quanto diz respeito às suas obras. E Hardy, o tirano, o enfatuado, o autoritário — limita-se, apenas, a obedecer!

PÁGINA TEATRAL

Prólogo

DENTRO de dias, teremos a funcionar em Lisboa cinco teatros de revista. Isto é: — A maior parte dos nossos teatros, dedica-se, exclusivamente, ao mesmo género, numa uniformidade de vistas que nos dá o direito de pensar que está no Teatro de Revista a salvação das empresas...

E, no entanto, permitimo-nos não acreditar que assim seja.

A montagem duma revista, traz, mais do que qualquer outra peça, atrás de si, um interminável cortejo de despesas, gastos extraordinários e sempre além das possibilidades conseguidas.

O orçamento é sempre excedido. O número de cenários e de grupos de guarda-roupa, nunca fica no que, de início, se calculou. Uma exigência da estréla, outra dos autores, mais uma que nem se chega a saber donde partiu, e aí está o custo da montagem elevado a uma importância tal, que, embora seja um sucesso e consiga, durante muito tempo, esgotar lotações, não compensará duma forma animadora. Juntamos, às despesas, o enorme trabalho que a montagem duma revista acarreta.

Durante um mês ou mais, ensaiados, coristas e artistas, trabalham afincadamente, fa-

zendo e desfazendo marcações, formando e desmanchando conjuntos.

Por tudo isto, não podemos acreditar que seja a certeza de auferir bons lucros o que leva cinco teatros da capital a montarem, ao mesmo tempo, cinco revistas, que fatalmente irão tocar nos mesmos pontos, explorar, até ao fim, os mesmos estafadíssimos assuntos.

Qual é, então, a «ideia única» que leva cinco empresas a arriscar os seus capitais no mesmo género de teatro?

A nosso ver, os nossos empresários montam uma revista como quem compra um bilhete da lotaria.

E, se há quem jogue na lotaria, — que tem tantos números, como não se hão de eles arriscar numa conta de cinco?

Claro, cada um de per si, calcula, humanamente, que o seu negócio será triunfante. São assim, no nosso fraco entender, que se conseguem pôr, ao mesmo tempo, cinco teatros a explorar revistas diferentes.

Quem ganhará? Sabe-se lá! Mas não importa.

Também, na Etiópia, a sorte das armas é duvidosa, e Mussolini não deixa, por isso, de queimar homens e dinheiro...

CAIXA DO PONTO

O teatro e o amor

COMEÇA, ao que parece, a modificar-se um pouco a vida teatral, em tudo o que nela se relaciona com o amor...

Outrora, para se ser *estréla*, era absolutamente necessário manter-se, com o empresário, relações de extrema intimidade. Hoje, já tal razão de se ser *estréla* tende a desaparecer, e já, ao que parece, se começam a avaliar as artistas pelo que artisticamente valem. Congratulemo-nos com tal facto. Em coisa alguma em que se meta o Amor, bons resultados pode dar. Mas no teatro, não sabemos porquê, leva a verdadeiros cataclismos... artísticos.

Cenografia de revista

Não é exagero afirmar-se que a cenografia está tendo, dentro das modernas realizações de revista, um papel importantíssimo.

No ambiente duma cena, na cor dum pormenor cenográfico, está, bastas vezes, o segredo do sucesso dum episódio ou dum número. E, pois, justo que, no teatro moderno, se dê aos cenógrafos o lugar que lhes compete, e é tão importante como o dum autor ou dum maestro.

Porém, quere-nos parecer que isto de cenografia, em Portugal, anda a funcionar duma forma desordenada e incerta.

Assim, convidam-se para pintar várias cenas dum cenográfico, está, bastas vezes, o segredo do sucesso dum episódio ou dum número. E, pois, justo que, no teatro moderno, se dê aos cenógrafos o lugar que lhes compete, e é tão importante como o dum autor ou dum maestro.

Na sequência das cenas, quando da apresentação da peça, nota-se, assim, uma vincada discordância, que às vezes assume as proporções de «oito ou oitenta».

Quere-nos parecer que as empresas resolveriam, com relativa facilidade, o assunto, escolhendo, para as peças que queiram apresentar à antiga, os cenógrafos que pintem dessa maneira, e para aquelas a que queiram imprimir um cunho modernista, os artistas modernos.

Música popular

Já repararam? Há muito que não aparece, numa revista, um daqueles

popularíssimos números que o público sai do teatro a assobiar, logo na noite da *première*. É pena. A música é um grande auxiliar — o maior auxiliar, podemos escrever — do teatro ligeiro. Sem boa música não pode haver bom teatro de revista.

Assim, os espectáculos têm sido, absolutamente, prejudicados pela falta dum desses números *mascote* que Lisboa e Portugal inteiro, depois, hão de cantar.

Onde estão os nossos compositores, ou para onde fugiu a sua tão necessária inspiração?...

Adelina Fernandes

A-pesar de nos ter deixado há alguns anos, e de ter andado, pelo Brasil, como *cruiseiro viajante* do nosso fado, o nome de Adelina Fernandes não esqueceu ao nosso público. O'dos recordam, saudosamente, o seu raro temperamento de artista e a sua voz privilegiada, que canta o fado sem exageros inúteis, duma maneira inconfundível.

Pois, para confirmar o ditado «o bom filho à casa torna», Adelina voltou, e vai reaparecer em Lisboa.

Lá estaremos para a aplaudir, e para ver se a longa permanência no Brasil lhe modificou a pronúncia...

Aura Abranches, na revista

Estreou-se, há dias, com acentuado êxito, no Teatro Variedades, a ilustre actriz Aura Abranches, que desempenhou um dos números da peça, antes feio por Luísa Salanca, e interpretou algumas canções para ela propositadamente escritas.

A *estreia*, num teatro de revista, da distinta comediante, tomou, para muitos dos seus admiradores, foros dum verdadeiro escândalo.

Quanto a nós, uma artista de declamação nunca perde em integrar-se na revista, género teatral em que todos os géneros cabem.

Aura Abranches não desceu por trabalhar numa revista; o teatro de revista é que se honrou, por Aura Abranches trabalhar num dos seus palcos.

Nunca os teatros fizeram artistas. Estes, sim, é que fazem os teatros, mormente quando possuem o temperamento e a categoria artística de Aura Abranches.

O HOMEM QUE PUXA O PANO

Artistas que marcam

Lina Demoel

NÃO é uma estreante, a Lina Demoel, que hoje ilustra esta página com o seu sorriso tão português. Mas é, indiscutivelmente, uma artista que marca, em qualquer teatro onde trabalhe, um lugar de inconfundível relívio.

Artista essencialmente popular, Lina Demoel tem uma maneira muito pessoal de tratar os números em que os humildes cantam, pela sua boca, com uma simplicidade e leveza, adoráveis.

Ultimamente, Lina Demoel não tem aparecido em público com a assiduidade que seria para desear. É pena, porque, infelizmente, não sobram, no nosso teatro ligeiro, artistas com tal poder de comunicação com a plateia, e tal domínio, nítido e incontestável, sobre a «geral», *barómetro* do teatro.

É sinceramente que desejamos ver, brevemente, a distinta artista, numa série dos seus papéis predilectos.



STADIUM

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

STADIUM

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

16 PAGINAS, CHEIAS DE OPTIMAS E FLAGRANTES GRAVURAS
ESCUDOS 1500

Visado pela Comissão de Censura

FÉMINA

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

À VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras
a cores — Capa a cores
Esc. 1\$50

CINE-JORNAL
GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO
Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES
Propriedade da Editora Lda (em organização)
Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27
Telefone 2 1168 e 2 1227
Comp., impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda
Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa
ASSINATURAS (pagamento adiantado)
PORTUGAL
32 números 1 ano..... 48\$00
25 " 6 meses..... 24\$00
12 " 3 meses..... 12\$00
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano... 65\$00

Sonoro Filme, L.^{da}

que detêm o record
das melhores pro-
duções de 1935

Apresenta brevemente no

São Luiz



CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 6 — 25 DE NOVEMBRO DE 1935 — SAI TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Neste número: A história de Marlene Dietrich